

Vestígios da Cadeia Produtiva da Literatura Infantil no Espírito Santo¹

Ivana Esteves Passos de Oliveira²
Centro Cultural SESC Glória – SESC/ES

Resumo

O presente artigo expressa um recorte do estudo da cadeia produtiva do livro infantil produzido no Espírito Santo, que chega ao século XXI consolidando uma expansão em termos de produção, mas com dois entraves: a divulgação e a distribuição. O enfoque dá-se nos procedimentos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa, cujo intuito foi o desvelamento de uma cadeia com delineamento artesanal. Configurou-se por uma tríade de instrumentos metodológicos: a pesquisa de inspiração etnográfica, a consubstanciação dos estudos de crítica genética e os de investigação indiciarista. Foram gravadas entrevistas com cinco autores ilustrativos do mercado de livros para crianças no Estado e realizadas visitas em seus espaços de trabalho.

Palavras-chave: Literatura infantil; divulgação; distribuição; cadeia produtiva; capixaba.

A cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – cujos vestígios de produção podem ser localizados desde a década de 1980, chega ao século XXI em crescimento, mas evidenciando dois obstáculos à sua consolidação: a divulgação e a distribuição dos livros destinados a crianças produzidos em terras capixabas.

Na contemporaneidade, a publicação independente é a prática mais comum: percebe-se um autor que produz, publica, divulga e distribui seus livros, sem o suporte de um sistema editorial-literário organizado. O escritor de literatura infantil no Espírito Santo acumula as funções de autor, alguns de ilustrador, editor, produtor gráfico, contador de história, divulgador e distribuidor. Tal delineamento corrobora-se em um estudo aprofundado, cujo objetivo foi o de buscar delinear essa cadeia de produção literária. Compreender essa dinâmica artesanal da literatura destinada às crianças no Espírito Santo mostrou-se oportuna em face à inexistência no contexto capixaba de estudo semelhante e

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, Membro do Grupo de Pesquisa, “Literatura e Educação”, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e chancelado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UNESP-PP, vinculada ao Procrad/Capes e membro do ABPEducom. Assessora de Imprensa do Centro Cultural Sesc Glória – Sesc-ES e assessora de comunicação e marketing da editora da Muqueca Editorial (editora independente de livros do Espírito Santo). Email: ivanaestevesspassos@gmail.com.

efetiva-se como necessário na premissa de fundamentar pesquisas futuras no âmbito dos estudos de Economia da Cultura e da Indústria Criativa, recentemente explorados no Estado. O presente artigo pretende evidenciar a metodologia utilizada na pesquisa, esta indispensável no delineamento da produção editorial que se configura de forma artesanal em pleno século XXI. Trata-se de um recorte da tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 31 de agosto de 2015, cuja autoria é de uma jornalista, produtora cultural e editora de livros infantis.

A busca da inspiração na metodologia de pesquisa etnográfica, com a consubstanciação dos estudos de crítica genética, e da teoria indiciarista, propiciaram o desvelamento de discursos e práticas de cinco autores, os quais são representativos da literatura infantil produzida no estado do Espírito Santo (Elizabeth Martins, Francisco Aurélio Ribeiro, Ilvan Filho, Neuza Jorden e Silvana Pinheiro), de modo a nos dar a ver, a partir das entrevistas gravadas e transcritas e dos documentos primários, os vestígios da cadeia produtiva do livro infantil no espaço-tempo em pauta.

Foram pesquisados o *modus operandi* de cada um, transmutando-se em funções alheias à criação estética, expondo indícios que confirmaram os procedimentos artesanais e a ausência de profissionalização do mercado. O estudo ocupou-se do desenvolvimento da literatura infantil e dos procedimentos de produção no estado do Espírito Santo, desde os anos de 1980 até hoje; focalizando, particularmente, o papel do autor na correlação com os processos de produção, publicação, divulgação e distribuição, em uma época na qual as obras de arte são, hegemonicamente, pensadas como produtos disponibilizados para o consumo.

Inserem-se em um cenário, no âmbito das pesquisas acadêmicas, que começou a se desenhar desde a segunda metade do século passado, pois foi nas décadas finais do século XX que a Literatura Infantil Brasileira ganhou maior quantidade de estudos nas universidades brasileiras, e legitimou-se, apesar da sombra de desqualificação e de marginalização que atravessa essa expressão artística. Entrelaçam-se, também, em discussões recentes, que ampliam o contexto de reflexão no bojo dos estudos literários para além da relação triádica e direta entre autor-texto-leitor, procurando compreender sistemas que viabilizam a produção, publicação, divulgação e distribuição de obras literárias, e que valorizam o estudo de contextos específicos, localizados e bem delimitados, entendendo esses estudos como uma resposta à derrocada de projetos totalizantes.

O trabalho está entrelaçado também com o campo das pesquisas de mercado cultural e de indústria criativa, no intuito de dar a ver uma *performance* peculiar do sistema literário – no recorte constituído por obras destinadas à infância –, no caso, no Espírito Santo. O enfoque é interposto sobre o livro enquanto produto.

O livro é um produto intelectual, que se concretiza num certo suporte de material e envolve não só o autor e o leitor, mas diferentes pessoas que se incumbem de (re) organizar um conjunto de impressão, distribuição e circulação dessa mercadoria. Uma mercadoria que, como tal, é objeto de produção e consumo. (FERREIRA, 200, p.11)

Dialoga com os trabalhos do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”, criado em 2010 e oficializado³ em 2011, de natureza interdisciplinar, aglutinando contribuições dos campos de estudos da Cultura, Comunicação, da Educação, da História e da Literatura. Dentre os teóricos que fundamentam o estudo e embasam as argumentações, destacam-se Hunt, Lajolo (literatura infantil no mundo e no Brasil), Fonseca Reis (cadeia produtiva em cultura), Willemart (crítica genética) e Ginzburg (estudos indiciaristas), além de diferentes autores que trabalham com metodologias de inspiração etnográfica.

A investigação buscou conhecer a existência de inter-relações entre o *produtor cultural* (sendo tanto o autor quanto os demais agentes envolvidos na produção, publicação, divulgação e distribuição – no caso, ilustradores, revisores, editores, publicitários etc. – entendidos como produtores culturais), o *produto cultural* (no caso, o livro infantil) e o *mercado* (constituído por livrarias, formadores e mediadores de leitura, ativistas, críticos e jornalistas culturais e por consumidores e leitores); ao mesmo tempo, pretendendo abrir frentes para que essa produção seja alvo de maior atenção das pesquisas universitárias, dada a importância da colaboração entre áreas distintas para a consolidação de estudos universitários sobre a cadeia produtiva do livro infantil, no âmbito dos departamentos de Literatura, Educação e, complementarmente, Arte, Biblioteconomia, Comunicação e Economia.

A escolha dos escritores, com vistas à consolidação da tese, considerou, primeiramente, os autores moradores da Grande Vitória, por dois motivos principais: são autores que participam da dinâmica cultural literária de maior visibilidade no estado de modo mais ativo; e, mais importante, circunscrevendo nossa seleção a autores residentes na região

³ O grupo é registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e chancelado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo. Mantém uma página na internet, disponível em www.literaturaeeducacao.ufes.br, na qual disponibiliza uma apresentação geral, nomes dos integrantes internos e externos à Ufes, a agenda de eventos e publicações dos membros do grupo.

metropolitana (Grande Vitória), ficou mais viável o deslocamento contínuo, ao longo de alguns meses, para o desenvolvimento do trabalho de entrevista, de coleta dos dados *in loco* e de análise e digitalização dos documentos disponibilizados.

Também foi preponderante na escolha a presença maior na mídia (por meio de portais ou *blogs* na internet, redes sociais, jornais locais), além da interlocução com escolas, a participação no projeto “Viagem pela Literatura”, da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), e o entrelace da produção do autor com outras linguagens (desenho, teatro, música, etc.). Além disso, optou-se por três categorias de escritores: a) aqueles que se valem do apoio das políticas públicas de incentivo à literatura – leis de incentivo ou editais de cultura, e não apenas custeiam às próprias expensas a publicação de suas obras, pois entende-se que seria importante ter um critério de seleção/legitimação que emanasse de instâncias públicas para a produção literária em foco; b) aqueles que tenham publicado ou publiquem atualmente por editoras de fora do Espírito Santo; e c) aqueles que negociam suas obras diretamente com a iniciativa privada, por meio de patrocínios.

Pesou, ainda, nessa seleção, a incursão desses escritores pelos meandros da indústria criativa, em consonância com a preocupação com o apuro estético, ou seja, aqueles que são protagonistas de sua publicação, divulgação e venda. O processo de entrevista com os escritores constituiu-se por meio de encontros agendados previamente em seu contexto doméstico ou em locais públicos. O acesso aos documentos e a observação de situações de divulgação e distribuição deu-se a partir de demandas do pesquisador ou por oferta espontânea dos sujeitos pesquisados, a partir de lembranças sobre documentos guardados, que foram mostrados ou oferecidos à nossa pesquisa pelos próprios escritores.

Em face desse aspecto, foi possível observar, ao longo das entrevistas realizadas com os escritores, que o testemunho autobiográfico configura-se como um instrumento crucial para o delineamento de um perfil de escritor de livros infantis no Espírito Santo, revelando-se uma preciosa oportunidade de remontar procedimentos, a partir dos quais a rememoração do escritor reverbera-se como de enorme relevância, sendo passível de sinalizar o engendramento do autor, em campos múltiplos, nos quais ele é capaz de se performar, ultrapassando os limites daquilo que seria, por pressuposto, a sua única ou principal incumbência: escrever.

O trabalho de pesquisa apurou que os autores se lançam em funções que excedem a escrita literária em sentido estrito, isso em face das especificidades do sistema literário local em que tomam parte, que exige deles táticas próprias de ação, em face aos rearranjos da

cadeia produtiva do livro literário infantil no estado do Espírito Santo. O uso de recursos da pesquisa etnográfica, para tanto, se impõe como imprescindível, tendo em vista que os dados etnográficos oferecem um composto informacional privilegiado para se apreender a prática artística (que, no caso da pesquisa, extrapolam a escrita literária), compreender suas especificidades e, a partir daí, estabelecer analogias entre o material empírico e as teorias.

Os fatores socioculturais estão imbricados na investigação e, sendo assim, o conhecimento sociológico foi de grande relevância, tornando-se preponderante um adentramento metodológico, especificamente na vertente da metodologia (auto)etnográfica, tendo em vista que o método da (auto)etnografia se define mediante uma (auto)análise da biografia – pessoal e profissional – do autor, isto é, a partir de sua narrativa sobre as experiências de vida e seus processos criativos peculiares, em entrelace com a coleta e análise do material empírico (manuscritos, bonecas de livros, bonecas de convites, convites manuscritos, provas de revisão, etc.). Sylvie Fortin (2009), no artigo “Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística” considera como dados (auto)etnográficos a seleção de documentos, a entrevista e a observação participante:

Cada tipo de dado oferece uma grande variação. A seleção dos diversos documentos sobre o campo da prática, quer se trate de croquis, de gravações em vídeo ou de notas dispersas, terá um lugar mais ou menos significativo no estudo segundo a questão da pesquisa enunciada em direção à coleta dos dados. Por sua vez, as entrevistas podem adotar uma maneira interativa, muito livre e aberta, ou se apoiar sobre um questionário minuciosamente estruturado e objetivo. [...] [O pesquisador] questiona seus interlocutores a fim de melhor observar como o contexto cultural ajuda a compreender a produção artística e vice-versa. A observação participante, por outro lado, poderá variar de uma observação discreta e passiva a uma participação totalmente engajada para melhor relatar os comportamentos do artista ou dos artistas selecionados para a pesquisa (FORTIN, 2009, p. 8).

A opção do estudo de caso como prática de pesquisa participante de engajamento se deu como uma contingência, em virtude de a pesquisadora atuar desde 2001 no contexto da produção cultural no Espírito Santo, também como jornalista cultural em veículos de cultura: *Caderno Dois* de *A Gazeta*⁴, *blog* de sua autoria, denominado Incentivadores de

⁴ *A Gazeta* é um dos principais veículos de comunicação do Espírito Santo e o *Caderno Dois* é o caderno de cultura do jornal.

Cultura, na *Folha Vitória*⁵. Além disso, desde 2009, a pesquisadora mantém as funções de divulgadora e distribuidora de livros infantis, ao lado do escritor Ilvan Filho, de quem agora é sócia na Muqueca Editorial⁶.

A respeito do *modus operandi* do pesquisador que lança mão da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa da prática artística, afirma Fortin (2009, p. 10):

Pouco importa o tipo de observação participante que será adotada, o pesquisador tomará cuidado de consignar sua vivência sobre o campo. Seu relatório de bordo, crônica da ação ou carnê de prática (diferentes apelações são utilizadas de maneira quase intercambiável) compreende evidentemente a descrição dos gestos e palavras dos protagonistas do estudo, mas também as análises espontâneas ou intuições que poderiam surgir no calor da ação. Além dessas notas descritivas e analíticas, ele registrará as notas metodológicas, quer dizer, as adaptações que não deixam nunca de espalhar o percurso de um estudo em arte onde o imprevisível surge e deve ser sempre compreendido. Mesmo a questão da pesquisa pode ser modificada e o pesquisador terá a vantagem de poder retrair a gênese graças as suas notas de campo.

Esse encaminhamento também se torna pertinente em situações e áreas onde há pouco conhecimento e pouca pesquisa, como é o caso do presente estudo. Outros aspectos importantes a se considerar nos estudos de caso etnográficos são:

[...] a sua forte dependência da capacidade, da sensibilidade e do preparo do pesquisador. Ser o principal instrumento de coleta e análise dos dados tem suas vantagens porque quanto maior a experiência e quanto mais aguçada sua sensibilidade, mais bem elaborado será o estudo. [...] o processo de investigação deve envolver, ainda, segundo Walker⁷, uma constante negociação entre o pesquisador e os informantes sobre aquilo que é relatado. As negociações nesse caso dizem respeito à acuidade e à relevância daquilo que é selecionado para apresentação, assim como sobre o conteúdo das informações, isto é, o que pode ou não e o que deve ou não ser tornado público (ANDRÉ, 2014, p. 55-56).

O recorte (auto)etnográfico foi sendo consolidado, na medida em que o escritor passou a se envolver ativamente como colaborador do estudo, buscando dados que pudessem contribuir com a pesquisa. Os escritores passaram a esperar ansiosamente pelo pesquisador, já com vestígios e rascunhos buscados em caixas esquecidas, para serem fotografados e remontados para configurar um novo discurso, agora, uma narrativa que

⁵ *Folha Vitória* é um veículo online regional do Espírito Santo, ligado à Rede Record, e o *blog* Incentivadores de Cultura é um *blog* de notícias culturais criado e desenvolvido pela jornalista Ivana Esteves, até meados de 2016.

⁶ A Muqueca Editorial é uma editora de livros infantis do Espírito Santo, de propriedade do escritor, ilustrador e editor Ilvan Filho, criada em 2015.

⁷ Robert Walker, autor de um interessante artigo sobre a teoria, a ética e os procedimentos do estudo de caso em educação (WALKER, 1980).

tomaria parte em um gênero científico (no caso, a tese). Registros e documentos tidos como perdidos e, agora, reencontrados, causaram surpresa e emoção. Os dados de campo foram consolidando-se como tal em espaços pessoais de cada autor.

Em face disso, a manipulação dos materiais, que se alternava do escritor para o pesquisador, delineou pistas e indicativos para enxertar sentidos à pesquisa, e convergiu com o projeto de escrita desta tese, a ponto de se completarem, como indissociáveis. Neste estudo, a partir de interlocuções e de negociações, os dados empíricos parecem terem sido percebidos e, aos poucos, apropriados pelo escritor (pesquisado) também como um ato de criação co-participante.

Os dados etnográficos fornecem as chaves do mundo representado ou vivido pelo artista. Eles não fazem como as imagens e os símbolos dados a experimentar fora da tomada de contato com a produção artística, mas pela consignação dos detalhes da prática, os quais, relatados e examinados minuciosamente, desencadeiam o jogo da visão interior e confirmam ao leitor uma compreensão baseada sobre a experiência de pesquisador em presença íntima com a coisa a ser compreendida. A construção dos saberes no estudo da prática necessita observar o que é feito, escutar atentamente o que é dito e passar a uma escrita a partir dos modos perceptivos. Ora este empreendimento que caracteriza a etnografia é de fato extremamente problemático, porque supõe a capacidade de representar e de falar da experiência do outro. (FORTIN, 2009, p. 10).

O estudo etnográfico circunscreve-se também na relação entre a produção cultural e a sociedade – observando-se, a partir de João César de Castro Rocha, os movimentos do escritor-distribuidor em relação à constituição física da obra literária –, e é um ponto de reafirmação do protagonismo do artista na operacionalização do mercado. Isso porque leva a refletir sobre as escolhas tipográficas, a distribuição da matéria na página em branco e as alterações de uma edição para outra, que são operadores de produção editorial e de estratégias mercadológicas, que interferem diretamente no significado do texto e nos sentidos a serem produzidos pelos leitores (ROCHA, 2011b, p. 149).

Por meio da metodologia de inspiração etnográfica, tornou-se possível estabelecer um perfil dos escritores que produzem literatura infantil no Espírito Santo e o quanto suas escolhas e tomadas de decisão para configurar a obra têm um entrelace com o seu *métier*. Deve-se ressaltar que, no caso do Espírito Santo, a partir das falas e documentos considerados, parece não haver outra saída senão a de incorporar o escritor aos processos de mercado. Impõe-se como uma reflexão importante a inferência de Adorno acerca da legitimidade da preocupação com os meios de materialização da obra:

Para muitas das situações individuais com que a obra confronta o seu autor, deve talvez haver permanentemente à disposição uma pluralidade de soluções, mas a diversidade de tais soluções é finita e perceptível em toda a sua extensão. O *metier* põe os limites contra a infinidade nefasta das obras. Define concretamente o que se poderia chamar, com um conceito da lógica hegeliana, a possibilidade abstracta das obras de arte. Eis porque todo o artista autêntico se encontra obcecado com os seus procedimentos técnicos; o fetichismo dos meios tem também o seu momento legítimo (ADORNO, 2000, p. 75).

Como a intenção era desvelar o mercado de literatura infantil no Espírito Santo por meio dos processos criativos dos autores e de suas obras, apresentou-se como pertinente instaurar o debate sobre a relação inseparável da produção cultural com a sociedade, procurando, no estudo dos autores selecionados, conhecer a prática autoral e as condições em que estes produzem seu trabalho.

Assim, paralelamente à pesquisa de inspiração etnográfica, foram incorporados, como contribuição, os elementos da crítica genética, um instrumento que adveio como imprescindível para propiciar a reflexão sobre os processos de representação social da literatura, podendo-se, por meio dessa vertente investigativa, compreender a produção cultural da escrita literária de livros para crianças no Espírito Santo. Em seu livro *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*, a geneticista literária brasileira Cecília Almeida Salles, coloca que o processo criador é um ato comunicativo. Nessa ótica, a obra de arte carrega as marcas singulares do projeto político que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade em geral. (SALLES, 2004, p.42)

Os estudos de crítica genética surgiram no final dos anos 1960, quando um grupo de linguistas, a partir do contato com manuscritos de textos literários, percebeu a potencialidade de esse material poder constituir um estudo do processo de criação, com base nesses documentos:

Essa nova perspectiva procurava aproximar-se de aspectos do fazer artístico, que foram, durante séculos, obscurecidos por noções vagas como as de ‘musa’ ou ‘inspiração’. No entanto, não poderíamos pensar esse ‘nascimento’ sob uma ótica mais ampla, ligado a um crescente interesse pelos processos de criação, como ocorreu nos movimentos de vanguarda do século XX (ZULAR, 2002, p.15).

A crítica genética já alcança grande desenvolvimento na França, registrada como tema de congressos e encontros. No Brasil, os avanços decorrem de uma parceria entre a França e nosso país, através de um projeto pioneiro de pesquisa, operado pela Biblioteca

Mário de Andrade, encabeçado por Antonio Candido e levado adiante por Willemart (1999) e Lopes (2013).

Zular (2002) ressalta o fato de a crítica genética ser um método intrincado como um jogo de camadas, que dá a ver os contornos histórico-sociais do fazer artístico. Essa metodologia quebra, como mencionado anteriormente, uma série de paradigmas. Conforme esclarece Zular (2002), a crítica genética, no aspecto que interessa a esse estudo, enfoca a “[...] literatura como um fazer, como atividade, como movimento” (ZULAR, 2002, p. 21). Pelo estudo, há uma espécie de deslocamento do sujeito da criação; o escritor se dá a conhecer pelos manuscritos e outras *performances*, que são também a tônica identitária que demarcará a territorialidade e o pertencimento da escritura literária. No caso da presente pesquisa, pelo *modus operandi* indiciado a partir das falas e dos documentos, evidenciam-se processos identitários dos autores/escritores capixabas ao produzir, publicar, divulgar e distribuir literatura direcionada ao público infantil no século XXI.

Zular (2002) pontua algumas questões em face dos crescentes estudos contemporâneos em crítica genética:

Em relação à produção literária, podemos lembrar alguns aspectos significativos desses fenômenos: inicialmente observamos uma preocupação crescente do escritor em falar sobre seus próprios processos criativos. Como faz sua obra, como se relaciona com os materiais com que trabalha, como suas ideias vão tomando forma a partir dos meios sensíveis, coisas, palavras e circunstâncias concretas, que por vezes parecem assumir o comando do processo criativo. A esses relatos juntam-se, por um lado, a tendência a trazer para dentro da obra criativa a problemática de sua própria produção, confundindo categorias que sempre estiverem separadas, a criação e a reflexão, e, por outro, a possibilidade de acompanharmos as marcas que o escritor deixa das várias etapas de seu trabalho, os rascunhos, as anotações, as rasuras, as substituições, etc., que atestam que sua atividade não é diferente da prática de todo homem que produz alguma coisa, por mais simples que seja (ZULAR, 2002, p.10).

Pelos relatos, acompanhados de registros dos processos criativos (bonecas de livros, provas de revisões, esboços de ilustração, rascunhos de escrituras), foi possível se perceber a presença do escritor em todas as etapas de concepção da obra literária. Se, conforme Zular (2002), podemos identificar uma preocupação crescente do escritor em falar sobre seus próprios processos criativos, essa práxis (de o autor/escritor falar de seus processos), no que diz respeito à tarefa de divulgação da obra literária infantil no contexto estudado, é uma demanda e quase uma exigência das escolas para optar pela adoção ou compra dos livros infantis de autores capixabas. Performar-se em palestrante é, minimamente, uma premissa para que o autor consiga dar acesso às suas obras nas escolas. Por exemplo, ao se tornar

escritor de livros infantis, Ilvan Filho, pessoa introspectiva e tímida, teve que superar-se a fim de poder ter suas obras divulgadas e compradas pelas escolas. Hoje, ele comercializa seus livros, por meio de palestras nas escolas. As próprias pedagogas, no início, o aconselharam a acrescentar a habilidade de contador de suas histórias para lograr maior proximidade com as crianças.

Fotos, manuscritos e croquis são outros indícios de relevância preponderante para este estudo. Willemart (1999) rememora alguns autores que deixaram marcas de si em seus manuscritos:

Stendhal deixou muitos croquis tanto no manuscrito quanto no texto publicado de sua autobiografia. Gustave Flaubert consultou vários livros de viajantes-fotógrafos para redigir *Hérodias* e desenhava, às vezes, na margem do fólio. Paul Válerly encheu seus cadernos de desenhos, fórmulas e cálculos. Esses fatos justificam a tentativa de entender as relações entre a imagem e a escritura no manuscrito literário. [...] Válerly dedicava a página esquerda a sugestões de sua sensibilidade e a direita ao raciocínio. Flaubert reservava, sobretudo, a margem esquerda e a parte superior ou inferior da página para seus achados. A maioria dos escritores acrescenta palavras ou sintagmas entre as linhas ou sobre as rasuras, alguns inventam uma pontuação original, etc. Esses signos de ocupação do fólio formam uma nova cartografia que acumula indícios importantes para a interpretação, indícios que não levam em conta apenas o sentido das palavras ou da frase lida (WILLEMART, 1999, p. 51-52).

Tais indícios remetem ao universo do escritor, ao ambiente no qual ele gesta a sua criação e do qual incorpora modos e saberes que o vão modificando, que o vão transformando e transmutando.

O manuscrito literário desvela os materiais que cercam os grandes escritores – a tradição, a escola, seu tempo, os preconceitos, a besteira e a mediocridade humana – e sua luta constante para anunciar algo inédito que fará da escritura o porta-voz de um além do contemporâneo do qual ela emerge. Por isso, o escritor deve se perder na escritura, deixar errar sua identidade e suas crenças para reconstituir uma outra através dos rascunhos da escritura do autor. (WILLEMART, apud SOUZA; MARQUES, 2009, p. 419)

Reiterando o aspecto que interessava ao estudo, que era o de perscrutar os indícios que ilustram o quanto o escritor se permuta em consonância com o corredor econômico, bem como a dualidade que tem que enfrentar no confronto com esse mercado econômico e a interferência desses ditames na sua produção artística, a metodologia foi eficaz. O manuscrito é um texto que se constrói e se desconstrói a todo momento. Sua transitoriedade se dá pela diversidade de atravessamentos que lhe são inerentes. Na vertente desta pesquisa,

o manuscrito advém como um interesse que se sobressai na intenção de demarcar o perfil da literatura infantil praticada no Espírito Santo, no ensejo de lhe conferir pertencimento.

No percurso de investigação a atenção se constituiu mais sobre os rascunhos e manuscritos, do que sobre a obra acabada. E o motivo foi a busca de indícios e rastros de intencionalidade evidenciados nesses suportes que antecederam a publicação e determinaram o propósito do ofício da escrita. Os escritores deixam marcas suas e de seus procedimentos em seus rascunhos. São rastros que também ficam como legado, afora as obras prontas.

Por fim, os dados produzidos na correlação entre pesquisa de inspiração etnográfica e pesquisa inspirada na crítica genética foram atravessados pelas contribuições do paradigma indiciário do historiador italiano Carlo Ginzburg (1990), que se iniciou como pesquisador estudando processos judiciais da inquisição, dos séculos XV e XVI. No início dos anos de 1970, lançou seu polêmico ensaio *Mitos, emblemas e sinais*, que vai amparar e corroborar o percurso metodológico subjacente a este trabalho. O modelo epistemológico indiciarista, que surgiu no final do século XIX, adequou-se à pesquisa, tendo em vista a aproximação do nosso objeto e do nosso *corpus* com as proposições de Ginzburg (1990). É inerente à metodologia do historiador italiano e também ao campo de estudo aqui desenvolvido a tensão entre racionalismo e irracionalismo.

O autor fala do prenúncio de seu modo de fazer pesquisas:

Por volta da metade dos anos 50, eu lia romances; nem me ocorria a ideia de me tornar historiador. Lia também Lukács, impacientando-me com o modo como falava de Dostoiévski e Kafka. Pensava que gostaria de me dedicar a textos literários, subtraindo-me à aridez do racionalismo e aos pântanos do irracionalismo. Hoje tal projeto, é claro, parece-me ingenuamente ambicioso; mas não poderia renegá-lo: ainda estou enredado nele. (A contraposição entre racionalismo e irracionalismo reaparece no início de “Sinais”, ensaio que pode ser lido como uma tentativa de justificar, em termos históricos e gerais, um modo de fazer pesquisas) (GINZBURG, 1990, p. 7).

O paradigma epistemológico indiciário, já consolidado no âmbito das ciências humanas, adveio ao estudo como complementar, tendo em vista a premissa do diagnóstico ensejado, a partir da interpretação de sinais, pistas e indícios da práxis dos escritores de literatura infantil no Espírito Santo. O pesquisador que desenvolve sua pesquisa na área do indiciarismo segue à procura de vestígios, sinais, sintomas, marcas, na busca de desvelar os acontecimentos do cotidiano histórico, exatamente o percurso desenvolvido neste trabalho. A metodologia de inspiração indiciarista insere-se na micro-história e utiliza-se de instrumental similar ao usado pelo médico na análise de seus pacientes, no intuito de descobrir a doença.

Aqui, não se trata exatamente de auferir uma doença, nem necessariamente um problema, mas um comportamento crônico de escritores de livros infantis, que já se consolida como hábito – atuar protagonizando as vendas de seus livros (o que inclui transformá-los em objetos vendáveis, divulga-los e distribuí-los, fazendo-os chegar ao público leitor/consumidor), afora sua premissa principal, que é a escrita. Esse comportamento foi identificado no estudo pela metodologia indiciarista, tanto no intuito de registrá-lo, quanto para evidenciá-lo. Tem como finalidade compreender o curso da cadeia produtiva do livro infantil no Espírito Santo, que permitam àqueles que se incomodam com essa proliferação de esferas de ação do autor saídas outras, as quais possam poupar o escritor que deseja apenas se dedicar à escrita de ter que cumprir essa *via crucis* – escrever, produzir, publicar, divulgar e vender seus livros.

O método de Ginzburg tem base nos estudos realizados por Giovanni Morelli. O objetivo de Morelli era identificar as falsificações de pinturas famosas utilizando-se de pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola à qual o pintor pertencia, tais como: lóbulos de orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés (GINZBURG, 1990). O paradigma indiciário, assim, dá atenção aos refugos, detritos, elementos pouco notados e que são frutos do acaso e não da curiosidade deliberada. Surgem em algum momento da pesquisa, espontaneamente. Ginzburg (1990) destaca que esse método não só é utilizado e aceito pela sociedade e pelos médicos, ao identificar a doença através dos sintomas, mas também é comumente usado em um dos gestos mais antigos da história intelectual do gênero humano pelo caçador, “[...] agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (GINZBURG, 1990, p. 154).

São os resíduos – dados marginais que, no foco do estudo, são caracterizados por convites, agendas com contatos de escolas, manuscritos, rascunhos, textos revisados, provas de livros, provas de ilustrações, montagem de páginas, portfólios, fotos do autor em escolas, recortes de jornais com notícias de lançamentos e entrevistas, além de outros ‘pormenores’, documentos tidos como sem importância, esquecidos dentro de armários.

Esses sinais de uma *práxis* de proatividade no mercado constituem revelações de procedimentos de artistas em face dos rearranjos da cadeia produtiva do livro infantil no Espírito Santo. Tais dados, até o presente estudo considerados marginalizados do ponto de vista do campo especializado, foram no âmbito da investigação tido como reveladores, como um achado inusitado! A “chave” de singularidades, de traços e de procedimentos individuais, que delineiam uma realidade comum e compartilhada. Configuram-se como pistas e indícios

de uma identidade coletiva de autores-vendedores de livros, denotando uma tradição cultural da literatura infantil no estado, aparentemente naturalizada, mas nem por isso menos incômoda para alguns dos sujeitos participantes da pesquisa.

Em face do momento cultural em que vivemos e pelas inter-relações inegáveis entre poética e mercado e de um rearranjo do trabalho autoral espreado para dimensões produtivas múltiplas (agitador cultural, personalidade pública etc.), podemos ratificar que conhecer o corredor econômico da literatura torna-se (também) uma demanda dos estudos literários. Marisa Lajolo (2001), por exemplo, em seu livro *Literatura: Leitores & Leitura*, nos sinaliza que a dinâmica do campo artístico é atravessada pelo campo mercadológico e pelo campo político e, assim, cita um corredor econômico pelo qual a obra literária passa antes de cumprir sua missão social:

Uma obra literária é um objeto social muito específico. Para que ela exista, é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém a leia. E, para ela passar das mãos do autor aos olhos do leitor, várias instâncias se interpõem: editor, distribuidor e livreiros são três delas (LAJOLO, 2001, p. 17).

Desse modo, os discursos e práticas dos agentes culturais envolvidos no corredor econômico (ou seja, nos processos de produção, publicação, divulgação e distribuição) do livro literário infantil, constroem (reforçando ou subvertendo), a própria noção do que é literário e, ainda, do que é infantil e do que é adequado para as crianças. E seu conhecimento permite-nos indagar sobre a quem interessa a construção de tais ou quais noções, o que parece ser o princípio de qualquer possibilidade de desvelamento ideológico.

Tomando de empréstimo as palavras de Ruskin (2004), na obra *A economia política da arte*, podemos compreender melhor o sistema capitalista de produção do livro, que para o autor engloba a tensão arte-trabalho: “Temos de considerar, com relação à arte: em primeiro lugar, como aplicar nela o nosso trabalho; em seguida, como acumular ou preservar os frutos do nosso trabalho; e finalmente, como distribuí-los” (RUSKIN, 2004, p. 38). Essa reflexão coaduna-se à de Lajolo (2001), para quem o livro não está fora do sistema de sua produção. Ela mesma reitera, em artigo recente, intitulado “Literatura infantil brasileira e estudos literários”, sua argumentação de que o livro é um produto humano inserido em uma estrutura social (e, portanto, também econômica) complexa.

Essa situação indica que os escritores de livros infantis no Espírito Santo vêm desde sempre se reinventando em estratégias diversas para administrar todas as etapas da cadeia criativa da literatura – escrita, ilustração, produção gráfica, publicação, divulgação e

distribuição. Ou seja, imbricam-se nas áreas criativa, administrativa e econômica. Portanto, é indispensável nesse estudo o encaminhamento da análise, perpassando os sinais dados pela *bússola da economia criativa* (REIS, 2007), como uma estratégia no sentido de se desvelar a cena da literatura infantil no Espírito Santo.

Em face à energia simbólica mobilizada para possibilitar o acesso aos livros infantis estar sendo movimentada no Espírito Santo, desde a sua gênese, pelos próprios criadores das obras literárias, buscou-se focalizar os pontos de contato e de confluência entre o intangível e o tangível, respectivamente, a criatividade (literatura) e a concretude do mercado (a cadeia produtiva). Considera-se essa uma simbiose indispensável à expansão do setor, orquestrada numa perspectiva interdisciplinar, envolvendo o campo da economia, para lançar um olhar sobre a arte literária e, concomitantemente, intervir na seara dos estudos literários e, quem sabe, como desdobramento futuro, na procura por apontar soluções para os problemas de divulgação e distribuição que são comuns a tantos autores – e não apenas àqueles privilegiadamente estudados.

Essa transversalidade e interveniência se justificam, sobretudo, ao rememorarmos, segundo Ana Carla Fonseca Reis (2007), estudiosa da economia da cultura, que

A própria denominação de ‘economia’ refere-se à organização da casa (do grego oikós = casa; nomia=organização). A economia, filha da filosofia moral, volta-se assim à administração da casa, das propriedades, dos recursos, das prioridades e também das relações humanas que se estabelecem (REIS, 2007, p. 17).

Portanto, parece preponderante colocar a “casa em ordem”, e, sendo assim, há uma necessidade de se conhecer cada elo da cadeia produtiva do livro literário para crianças no Espírito Santo. Resumindo, não se pode categorizar (do ponto de vista da produção, da publicação, da divulgação e da distribuição) esta ou aquela obra literária sem “arrumarmos a casa”. Faz-se imprescindível, metaforicamente falando, “conhecer seus moradores” (os autores) e compreender os indícios de seu protagonismo na viabilização da indústria criativa da literatura para crianças no Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Portugal: Arte & Comunicação, 2011.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre; HAACKE, Hans. **Livre-troca:** diálogos entre ciência e arte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. 2001. **A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 1995.** Campinas, SP: Komedi, Arte Escrita.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena:** periódico do programa de pós-graduação em Artes Cênicas do Instituto de Artes, Departamento de Arte Dramática da Universidade do Rio Grande do Sul., n. 7, p. 2-12, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961/7154>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira e estudos literários. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, p. 97110, jul./dez. 2010.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Manole, 2007.

ROCHA, Elizeti Terezinha Caser. **Relatório Projeto Viagem pela Literatura.** Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2010.

ROCHA, João César de Castro (Org.). **Roger Chartier:** a força das representações – história e ficção. Chapecó: Argos, 2011.

RUSKIN, John. **A economia política da arte.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.) **Modernidades alternativas na América Latina.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

ZARDO, Júlia (Org.). **Estudo da cadeia produtiva do audiovisual do Estado do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Instituto Gênesis, 2010.

ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em processo:** ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.